

MICHELE DE BARCELOS AGOSTINHO

**ASSOCIAÇÃO GONÇALENSE DE ESTUDANTES:
EM DEFESA DA ORDEM E DO PROGRESSO**

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FFP/2003

MICHELE DE BARCELOS AGOSTINHO

**ASSOCIAÇÃO GONÇALENSE DE ESTUDANTES:
EM DEFESA DA ORDEM E DO PROGRESSO**

Monografia apresentada como requisito parcial do curso de Licenciatura em História da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Luís Reznik

São Gonçalo/2003

Agradeço a Deus pela conclusão deste trabalho. Agradeço, também, ao meu orientador, professor Luiz Reznik, ao meu amigo Rui Aniceto pela colaboração na realização das entrevistas e, em especial, aos ex-militantes da AGE que, gentilmente, enriqueceram este trabalho com seus depoimentos.

RESUMO

A AGE, diferentemente de muitas entidades estudantis de atuação esquerdista, apresentava uma posição conservadora. Sua diretoria, assim como também grande parte dos associados, primava pela defesa de interesses nacionalistas e capitalistas, cuidando-se em preservar a ordem. Os ageanos apreciavam o civismo, as artes, os desportos e a instrução, o que é demonstrado em suas participações em festividades cívicas, eventos artísticos, torneios esportivos e apoio às medidas ligadas a educação, entendida como promotora do progresso e soberania nacionais.

ÍNDICE

Introdução _____	6
Capítulo I – 1ª fase: 1948 a 1953 _____	11
Capítulo II – 2ª fase: 1954 a 1959 _____	19
Capítulo III - 3ª fase: 1960 a 1964 _____	26
Capítulo IV – 4ª fase: 1965-1968 _____	38
Conclusão _____	49
Fontes _____	50
Bibliografia _____	51
Anexos _____	52

Introdução

O presente trabalho monográfico, obrigatório e fundamental para conclusão do curso de Licenciatura em História, na medida que estimula e interliga a docência à pesquisa, é fruto de dois anos de pesquisa no Laboratório de Pesquisa Histórica da Faculdade de Formação de Professores, onde integro o projeto *História de São Gonçalo: Memória e Identidade*, coordenado pelo professor Luís Reznik.

O meu objeto de estudo foi o movimento estudantil no município de São Gonçalo, figurado na Associação Gonçalense de Estudantes. A AGE era uma entidade que agregava estudantes secundaristas no período compreendido entre 1948, momento em que foi fundada, e 1968, ano de seu fechamento pelas forças policiais.

A averiguação do tema buscou compreender como tais estudantes se organizavam, seus ideais, principais bandeiras de luta e seu relacionamento com o poder público local, traçando paralelos com a atuação política do movimento estudantil nacional e, igualmente, considerando o contexto político e sócio-econômico da época para, assim, tecer comparações com as particularidades de âmbito local e articulá-las com o âmbito regional.

Durante o levantamento das fontes, analisando as ações realizadas pela AGE, constatei que: as atividades culturais objetivavam desenvolver no jovem a afeição às artes e, assim, dotá-lo de maior capacidade intelectual; as competições esportivas tinham por finalidade contribuir para maior integração estudantil, assim como também para o seu aprimoramento físico; a diretoria ageana possuía uma postura conservadora, nacionalista e reformista; havia uma constante evocação a Deus e uma próxima relação com os padres da Igreja Católica.

A partir daí levantei as seguintes hipóteses: as artes, a moral, o civismo e o esporte eram valores norteadores dos ageanos que os adotavam como máximas para o aprimoramento físico, cultural e ideológico, imprescindíveis para o progresso da juventude gonçalense; Associação Gonçalense de Estudantes sustentava um caráter conservador, o

que a diferia das demais organizações estudantis, de modo geral, cujos vínculos se perpetravam por intermédio de congressos, em níveis estadual e nacional, nos quais mantinha-se defensora da ordem capitalista e do reformismo.

Parte das fontes utilizadas na pesquisa encontram-se no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. O prontuário do Fundo Polícias Políticas contém fichas de ageanos, depoimentos, prospectos de chapas em disputa eleitoral, além de livros de teor comunista, supostamente lidos pelos estudantes.

Foram consultados, também, os jornais oficiais da AGE, que são parte integrante da Coleção Geraldo Lemos, conservada no Acervo MEMOR, e o jornal “O São Gonçalo” que contém fatos relacionados à entidade, assim como também textos escritos pelos próprios associados.

Além dos documentos escritos, esta pesquisa baseou-se em depoimentos. Para tal, ex-ageanos que ocuparam cargo de presidência da AGE foram eleitos para realização de entrevistas e estas, por sua vez, serviram de fontes para minha investigação.

No que se refere às entrevistas, optei em fazer história oral temática¹: seu procedimento caracteriza-se por um questionário (roteiro) de método indutivo, o qual aborda situações pontuais, valorizando tanto o envolvimento pessoal quanto a seqüência dos fatos. Os depoimentos foram registrados em gravadores e, posteriormente, transcritos e editados. O produto final, que é a edição, foi considerado o documento de análise. A partir daí, foram equiparadas as fontes orais/orais e orais/escritas neste trabalho de construção de conhecimento histórico.

Antes de tecermos qualquer interpretação sobre a AGE, é necessário, antes, nos remetermos brevemente ao contexto da organização estudantil nacional no momento histórico que lhe foi coevo para entendermos as motivações e práticas da Associação Gonçalense de Estudantes, suas diferenças e similaridades.

A União Nacional dos Estudantes, entidade de maior representatividade estudantil, foi fundada em 1937. Através dela, a unificação dos estudantes universitários foi possível. Deu-se início, então, a fase de atuação organizada² do movimento estudantil, cujos objetivos eram políticos: opunham-se, na maioria das vezes, à política imperialista norteamericana e eram defensores da causa nacionalista. A forma de atuação da UNE não foi

¹ José Carlos Sebe Meihy. **Manual de História Oral**. 3ª ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

homogênea ao longo de sua história. As diversas disputas político-partidárias³ lhe davam perfis distintos. O PCB, o PSB, a AP e a UDN são alguns exemplos de tais partidos influentes.

No governo eleito do Marechal Eurico Gaspar Dutra desencadeou-se, desde o início, uma reação policial contra o movimento estudantil. É nesse momento que estudantes direitistas se aproximavam do Partido Socialista Brasileiro. A partir de 1947, o PSB tornou-se hegemônico na UNE e os estudantes se mobilizaram na campanha em Defesa do Patrimônio Territorial e Econômico que teve dois desdobramentos: a luta pelo monopólio estatal do petróleo e pela criação da Petrobrás. A palavra de ordem era “o petróleo é nosso”. Reivindicava-se a emancipação econômica nacional.

A atuação dos estudantes também se dirigiu ao restabelecimento da ordem democrática no Brasil devido ao fechamento do Partido Comunista Brasileiro e a cassação dos mandatos de seus parlamentares.

De 1950 a 1956 a direção da UNE ficou sob influência de grupos direitistas, ligados a UDN. Aqui, houve tentativa de aproximação com estudantes norte-americanos. A UDN empenhou-se, principalmente, no

“rompimento da UNE com a União Internacional dos Estudantes (UIE), acusada de estar ‘a serviço do comunismo internacional’. Tentaram os membros da nova diretoria a criação de uma União Interamericana de Estudantes [...] mas acabaram pondo por terra o projeto da União Interamericana.”⁴

A partir de 1956, a UNE perdeu a preponderância udenista e recuperou o perfil esquerdista. Através de uma greve contra o aumento das passagens dos bondes, foi formada a União Operário-estudantil Contra a Carestia. Até início da década de 1960, a UNE deu continuidade ao seu Programa Nacionalista, destacando-se a campanha contra a American Can, indústria americana que pretendia instalar-se no Brasil, pondo em risco a indústria brasileira de lataria. Vale lembrar que a década de 1950 foi norteadada pela política nacional-desenvolvimentista. Vigorava nesses anos o discurso de progresso associado ao

² Antonio Mendes Júnior. **Movimento Estudantil no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1981. *passim*.

³ UNE - 60 ANOS A FAVOR DO BRASIL. Rio de Janeiro, 1997.

⁴ Antonio Mendes Júnior. *op. cit.* p. 56.

desenvolvimento industrial. Era preciso munir o Brasil de amplo parque industrial, o que possibilitaria mais ofertas de emprego e anunciaria o advento da soberania nacional.⁵

No fim da década de 1950, o ensino gratuito fora ameaçado com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, na qual se previa o desaparecimento gradual da educação pública, o que faria da universidade um instrumento de manutenção da ordem social vigente. Por isso, foi ponto de ataques de estudantes católicos e comunistas que formaram uma frente única, a Ação Popular. Em 1961, dissidente da Juventude Universitária Católica, a AP, de maior radicalismo, ascende à diretoria da UNE. Era defensora da Reforma Universitária, tema a ser incluso nas Reformas de Base do presidente João Goulart. Foi nesse período, também, que a UNE gozou de maior poder político, por apoiar as Reformas de Base do governo e por participar da preparação do comício de 13 de março de 1964, ao passo que as forças de direita conspiravam para a derrubada do presidente Jango.⁶

Com a proposta da Reforma Universitária, defesa da democratização do ensino, a aliança com os operários e a com a criação do Centro Popular de Cultura (CPC) - no qual teatro e outros eventos artístico eram instrumentos políticos e que serviam como divulgadores das ideologias de esquerda -, os estudantes eram chamados de subversivos⁷, pois as idéias comunistas levariam ao caos da sociedade brasileira (e capitalista).

No pós-64, a UNE sofreu séria repressão. As forças ditatoriais reprimiram o nacionalismo que punha em risco os interesses do empresariado que, aliado aos militares, suprimiram a possibilidade de comunização do país. A sede da UNE foi invadida pelos integrantes do Comando de Caça aos Comunistas (CCC). O Ministério da Educação coibiu as greves e a propaganda partidária. Os diretórios acadêmicos concentraram suas ações em atividades esportivas. Em 1966 estabeleceu-se maior comunicação com os norte-americanos por meio do Acordo MEC-USAID. Nele, desejava-se transportar para o Brasil o modelo e os padrões da universidade americana.⁸

A partir de então, as passeatas e mobilizações estudantis intensificaram-se e radicalizaram-se com as organizações políticas da POLOP (Política Operária) e dissidentes do PCB, além da AP. Preconizou-se uma Aliança Operário-Camponesa-Estudantil que

⁵ *Idem.* p. 57-60.

⁶ UNE - 60 ANOS A FAVOR DO BRASIL. *op. cit.* p. 38-44

⁷ Arthur José Poerner. **O Poder Jovem: História da Participação Política dos Estudantes Brasileiros.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. *passim.*

⁸ Antônio Mendes Júnior. *op. cit.*, p. 74-78.

pretendia a luta armada. Em 1968, ano da instituição do AI-5, iniciou-se a fase de atuação clandestina⁹. Agora, o movimento estudantil agonizava. As forças repressivas o sufocaram, ocasionando seu visível enfraquecimento nos anos subseqüentes e impelindo os jovens aos movimentos armados de guerrilha urbana.¹⁰

Generalizar o movimento estudantil, caracterizando-o como defensor de transformações sociais radicais, é uma visão equivocada. Houve organizações estudantis que empenharam-se em combater jovens esquerdistas. Para exemplificar, podemos citar em nível nacional o CCC (Comando de Caça aos Comunistas), que combatia estudantes de esquerda durante a ditadura militar, e a própria AGE, em nível local.

Ao discorrer sobre a Associação Gonçalense de Estudantes, decompus esta entidade em fases, cronologicamente delimitadas. Esses momentos distintos por mim identificados possuem continuidades e inovações – e é justamente isso que as fazem peculiares – que não significam, necessariamente, rupturas profundas. Por exemplo, o caráter nacionalista, anti-comunista e reformista perduraram de 1948 a 1968, embora se apresentassem de formas diversas ao longo do tempo.

A primeira fase (1948 a 1953) consta da fundação e estruturação da AGE, que voltava-se para o aprimoramento cultural e retórico dos estudantes. Na segunda (1954 a 1959), prevalece a idéia de progresso, condicionado à Educação, industrialização e “boa” formação ideológica, física e patriótica dos jovens. Na terceira fase (1960 a 1964) identifica-se um forte discurso da social democracia cristã. É o momento que participam da AGE estudantes ligados, direta ou indiretamente, à Juventude Operária Católica e ao Partido Democrata Cristão. E, por fim, a quarta e última fase (1965 a 1968), iniciada por tendências mais a esquerda, mas logo retornando às lideranças de centro direita que, nem por isso, ficaram isentas do controle militar.

⁹ *Idem, passim.*

¹⁰ UNE – 60 ANOS A FAVOR DO BRASIL. *op.cit.* p. 62.

1ª fase: 1948-1953

O fim da década de quarenta do século passado, e os anos que se seguiram, foram marcados por uma vaga nacionalista que fomentou o coração dos brasileiros ansiosos pela libertação econômica do país. Os governos que se seguiram após a segunda guerra mundial, no Brasil, adotaram um estilo popular e um discurso de emancipação econômica nacional, atrelado a um projeto industrializante, mexendo com os brios da população que depositaram nos chefes de governo credibilidade na realização deste projeto audacioso.

Expressão desse nacionalismo foi a luta pela estatização da exploração petrolífera no Brasil. A campanha “O Petróleo é Nosso” envolveu jovens, operários, intelectuais, militares e empresários. Iniciada em 1947, no governo Dutra, a criação da Petrobrás era uma necessidade. No entanto, a forma como isso se processaria gerou querelas entre diversos setores da sociedade, pois o projeto de criação diferia conforme interesses.

O projeto inicial de regulamentação da exploração do petróleo elaborado pelo governo federal permitia

“(…) a presença do capital estrangeiro em todas as fases de produção, desde a prospecção até a distribuição. Procurava, porém, assegurar aos nacionais o controle da refinação e do transporte do petróleo destinado ao mercado interno, mediante exigência de que pelo menos 60% do capital das empresas dedicadas àquelas atividades fossem brasileiras.”¹¹

Embora, em 1938, no governo Vargas, tenha sido promulgado o decreto-lei que atribuía ao Estado o controle exclusivo sobre todas as etapas de produção, a proximidade

das relações internacionais entre Brasil/EUA durante a guerra e nos anos posteriores tornou inevitável pressões externas interessadas na abertura da exploração ao capital estrangeiro. E foi justamente contra as concessões dadas pelo projeto do governo Dutra que se desencadeou o movimento a favor de medidas puramente estatizantes. Nesse sentido, a adesão estudantil a campanha pela nacionalização do petróleo foi expressiva. A União Nacional dos Estudantes organizou conferências, manifestações de rua e até tropas de choque em caso de conflitos com a polícia. *“Os nacionalistas rotulavam os opositores de “entreguistas”, enquanto os defensores do Estatuto consideravam como “comunistas” os que se apresentavam sob a bandeira do nacionalismo.”*¹²

A influência norte-americana no Brasil quase sempre foi alvo de ataques de diversos setores sociais, dentre eles o estudantil. O progresso nacional cativou (e cativa) estudantes na luta contra a dependência econômica do país. Assim, na segunda metade da década de 1940 germinou entre os estudantes a participação na campanha pelo monopólio estatal do petróleo e uma ofensiva contra o imperialismo do país do Tio Sam.

Outro episódio alvo de protestos ocorrido, ainda, no governo do Marechal Dutra foi o fechamento do Partido Comunista Brasileiro em 1947. Em nível internacional, sentia-se aqui o reflexo da Guerra Fria. Na esfera nacional, comunistas lideravam movimentos grevistas e de trabalhadores, afligindo, segundo a perspectiva conservadora, a ordem e a democracia brasileiras. Desde 1946, o PCB vinha ganhando maior expressão no meio parlamentar, chegando a se tornar o quarto partido do país. Em nome da preservação do regime democrático, o governo pôs o Partido Comunista Brasileiro na clandestinidade. Com isso, tentou-se enfraquecer duas ameaças que perturbavam o governo: o perigo da comunização e a organização dos trabalhadores, já que muitos sindicatos estavam (ou acusavam-no estar) sob controle comunista. Deputados, senadores e vereadores pecebistas tiveram mandatos cassados e muitos se refugiaram no PSB. A ilegalidade do PCB fomentou a estudantada a combater o autoritarismo e a defender a liberdade de credo político.

Nesse contexto, São Gonçalo foi palco da fundação da Associação Gonçalense de Estudantes. Em 1948, um pequeno grupo de jovens idealistas compartilhava de um objetivo comum: realizar a independência econômica do Brasil. E, por isso, fundaram uma

¹¹ Gerson Moura. **A Campanha do Petróleo**. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 11.

associação - cuja existência perdurou até 1968 - que agregou estudantes gonçalenses comprometidos com o progresso, ordem e desenvolvimento da pátria amada.

Francisco Pires, filho de comerciante, residente em São Gonçalo, esteve envolvido em movimentos em prol da entrada do Brasil na guerra. Ao ingressar no exército durante a 2ª Guerra Mundial, foi enviado em missão a fronteira do Brasil com a Argentina. Após retornar do serviço militar, tinha a idéia de fundar um clube de correspondência em São Gonçalo, clube este voltado para discussões político-ideológicas que criaria vínculos com jovens outras localidades.

“Quando eu voltei da guerra, eu tinha a idéia de fundar um clube de correspondência porque eu queria fazer a segunda independência do Brasil. Veja a pretensão: eu queria fazer a segunda independência do Brasil, a independência econômica, exatamente a mais difícil. Então, eu queria fundar um clube de correspondência, queria encontrar em todos os Estados garotos, naquela época eu era muito garoto, que tivessem a minha idéia, também.”¹³

Nesse sentido, o jovem Francisco, juntamente com os estudantes José Ferreira Duque Estrada, Luiz Vianna, José Romualdo, Antônio Magalhães Filho, Heraldo Egger, Álvaro Fausto de Souza, Geremias de Mattos Fontes e Nelson de Oliveira se reuniram em torno de um mesmo ideal audaz, ainda que sem a elaboração de um programa objetivo para concretizá-lo. Mas, da idéia de fundação de um clube de correspondência, derivou-se uma outra: a de formar uma associação de estudantes do município de São Gonçalo. Isso porque

“O Clube de Correspondência tinha que apanhar gente de fora daqui. Eu me correspondi com uma moça de São Carlos. Eu fui até lá para conhecê-la. Me correspondi com um rapaz do Piauí, também, e com mais uns três ou quatro (...) Mas, o Clube de Correspondência é um negócio muito longo e a AGE, não. A AGE foi feita toda aqui, com estudantes daqui com reuniões constantes em que cada um tinha direito de expor as suas idéias. Daí que a AGE ficou mais fácil para nós.”¹⁴

¹² *Idem.* p. 68.

¹³ Entrevista realizada por Michele de Barcelos Agostinho e Rui Aniceto com Francisco Pires no dia 15 de outubro de 2002. Transcrição de Maria Clara Santiago. Francisco Pires foi o primeiro presidente da Associação Gonçalense de Estudantes.

¹⁴ Entrevista realizada com Francisco Pires, acima citada.

Nessa primeira fase, a Associação não dispunha de sede própria. Por isso, os jovens que a fundaram, estudantes do Colégio São Gonçalo, em sua maioria, realizavam suas reuniões na sede do Partido Trabalhista Brasileiro e, depois, transferiram-se para a Associação Comercial. Contudo, antes mesmo de instalarem-se na sede do Partido Trabalhista Brasileiro, o núcleo inicial agrupava-se numa loja de conserto de rádio de propriedade do próprio Francisco que veio a ser o primeiro presidente da AGE.

“Eu tinha uma indústria de montagem de rádio (...) da marca ‘Saturno’(...) E juntei o pessoal lá na Rádio Saturno. Sentado em banqueta foi que nós fizemos, inclusive, o estatuto da AGE. Dali, nós arranhamos com Gilberto Afonso Pires, a sede do PTB (...) Então, ele nos emprestava a sede do PTB e nós nos reuníamos lá.”¹⁵

A Associação Gonçalense de Estudantes, além de ser voltada para discussões e debates, era vista, igualmente, como um espaço de descontração. O município, segundo alguns testemunhos, não oferecia grandes opções de lazer. Assim, os estudantes se sentiam atraídos pelas atividades propostas pela AGE. Segundo depoimento de um dos fundadores:

“Naquela época não havia muita distração. O negócio mesmo era a AGE (...) Distração era só o cinema, mais nada (...) Então, juntavam-se todos na AGE com esse propósito, de nos distrair, de ter uma ocupação.”¹⁶

Na perspectiva de outro ex-associado:

“(...) a vida das associações estudantis eram muito ativas, até porque naquela época não havia televisão, praticamente. Havia cinema, havia os bailes e havia a associação. A associação era uma forma dos jovens gastarem o seu tempo (...) Já se olhava a AGE como ferramenta de mobilização, sob certos aspectos uma ferramenta ideológica, ainda que de centro, e também se olhava a AGE como uma forma de encontrar pessoas, trocar idéias.”¹⁷

¹⁵ *Idem.*

Gilberto Afonso Pires era prefeito em São Gonçalo pelo PTB.

¹⁶ *Idem*

¹⁷ Entrevista realizada por Michele de Barcelos Agostinho e Rui Aniceto com Helter Gerônimo Barcelos no dia 24 de junho de 2003. Transcrição de Maria Clara Santiago.

Considerando que as entidades estudantis militam, em geral, na esquerda, a Associação Gonçalense foi um caso a parte. Defendiam os interesses nacionais por meio da ordem e da colaboração com as autoridades constituídas. Poderiam até se manifestar mais radicalmente, mas sempre lutando pelo reformismo, nunca por revolução. Primava-se pelo desenvolvimento econômico e crescimento cultural, em nível local e nacional, sem romper com a ordem estabelecida.

Ano de 1948. Enquanto no Brasil muitos estudantes reivindicavam a liberdade partidária e criticavam a ilegalidade do PCB, os ageanos decidiram, em plenária, expulsar os pecebistas da Associação Gonçalense pelos seguintes motivos: temiam que os comunistas pudessem trazer infortúnios à relação da AGE com o poder público; acusavam os pecebistas de fazerem da AGE instrumento do seu partidarismo. Predominância de partidos políticos dentro da entidade não era permitida pelo estatuto.

Esse episódio foi decorrente de uma conferência a ser realizada na Câmara Municipal em 10 de abril de 1948, cuja pauta referia-se à campanha “O Petróleo é Nosso”. A Associação constituiu a Comissão de Defesa do Petróleo que tinha como tarefa organizar a conferência. Entretanto, a dita conferência foi impedida de ser concretizada.

“Na última hora nós tiramos a bandeira da AGE lá de dentro. A sala estava cheia de comunista (...) Os comunistas querendo agredir. Após isso, doutor Armando me chamou de cretino (...) Iríamos trazer um general do Exército que queria mostrar que [no Brasil] tinha petróleo, mas os comunistas começaram a querer comunizar todo mundo. Quando perceberam isso já estava na véspera da conferência. E daí foi que nós nos insurgimos contra porque, a princípio, a conferência era apenas mostrar que o Brasil tinha petróleo.”¹⁸

A presença comunista não foi tolerada na entidade estudantil, culminando no seu banimento: “A AGE ficou com uma orientação de centro, uma vez ou outra aparecia uma pessoa de esquerda, mas era muito pequena a influência de esquerda.”¹⁹

¹⁸ Entrevista realizada com Francisco Pires anteriormente citada.

¹⁹ Entrevista realizada com Helter Gerônimo Barcelos anteriormente citada.

Nesses primeiros anos de vida da Associação, suas atividades concentravam-se em reunião, basicamente, ou seja, consistiam em embates ideológicos, discursos, uma espécie de educação política, conforme testemunhos de alguns de seus contemporâneos:

“Naquela época o grande veículo das ideologias, dos pontos de vista das pessoas era a palavra, era a oratória. Então, a AGE foi uma escola de oradores informal, mas uma escola de oradores. As pessoas aprenderam que se elas soubessem falar, e falar bem, elas poderiam ganhar posições e ganhar até um certo poder.”²⁰

“A grande escola foi lá porque nós aprendemos realmente a desinibição, a fazer discurso.”²¹

“Aprendemos a falar em público e desenvolvemos a oratória. Todo o pessoal que passou pela AGE, os que já morreram e os que estão aí, todos nós tivemos treinamento de oratória (...) Alguns seguiram a carreira política.”²²

Também se cultivava o apreço pela arte literária. Nas reuniões era comum leitura de poesias. Em março de 1951, por exemplo, a AGE organizou um concurso literário. Em setembro de 1953 a AGE promoveu uma festa no Colégio São Gonçalo com apresentações literárias e teatrais em comemoração ao aniversário do município.

Quanto às questões inerentes aos interesses dos estudantes, a AGE mostrava-se favorável à democratização do ensino. Fazia a seleção de estudantes que concorriam a bolsas de estudos para o Colégio São Gonçalo. Para melhor facilitar a acessibilidade de livros aos estudantes, visto a dificuldade econômica para obtenção desse material, a construção de uma biblioteca pública foi pauta das reivindicações dos associados da entidade. Em 1953, o acervo municipal se encontrava na sede da AGE, sob os cuidados dos ageanos.

²⁰ Entrevista com Helter Barcelos, anteriormente citada.

²¹ Entrevista realizada por Michele de Barcelos Agostinho e Rui Aniceto com Geraldo Pereira Lemos nos dias 8 e 15 de outubro de 2002. Transcrição de Maria Clara Santiago. Geraldo Pereira Lemos foi presidente da AGE em 1949, 1951 e 1953.

²² Entrevista realizada por Michele de Barcelos Agostinho com Rujany Martins em 26 de setembro de 2002 e transcrita por Maria Clara Santiago. Rujany Martins foi presidente da AGE na gestão 1954/55.

A contrariedade ao aumento das anuidades escolares era freqüente. No entanto, havia estudantes que, diferentemente de muitos que optam por vias radicais, defendiam os meios ordeiros para exigirem benefícios.

“(…) quanto mais gritamos pela redemocratização do ensino em nossa pátria, mais se acentua sua mercantilização (…). Não alimentemos a falsa ilusão de que a greve, com seus efeitos perturbadores, resolverão esta situação (…). [É necessário] um movimento de âmbito nacional que vise por meios normais e dentro dos princípios da moral e do direito, a coibir essas majorações extorsivas(…)”²³

Em alguns momentos, o aumento das mensalidades escolares era criticado de forma sarcástica, como neste jornal, onde os comentários limitavam-se a escárnios, sem apresentação de propostas.

“Agradecemos aos senhores proprietários dos educandários existentes em nosso município pela honrosa lembrança de nos presentearmos com tão valiosa dádiva, ou seja, o maior encarecimento dos sábios ensinamentos que nos são oferecidos em seus estabelecimentos comerciais (…). Ainda bem que os diretores dos referidos estabelecimentos compreendem que nossa população é pobre e, assim sendo, não precisa estudar (…). Eis, portanto, nosso efusivo abraço, com votos de sinceras condolências e o desejo ardente de que breve, muito breve, levem um formidável trompaço nas fuças.”²⁴

Em outubro de 1953, a AGE organizou uma visita à Companhia Siderúrgica Nacional de Volta Redonda. “(…) *esses jovens que pela força do patriotismo, desejavam com orgulho conhecer bem de perto esse gigante que é Volta Redonda.*”²⁵

A CSN era o símbolo de desenvolvimento nacional do período getulista. A política nacionalista de Vargas, aproveitando-se da conjuntura da Segunda Guerra, na qual os EUA desejavam instalar bases militares estratégicas no Brasil, fez Getúlio barganhar investimentos para a siderúrgica nacional.

²³ CONTRA AS GREVES ESTUDANTIS. **A Voz da AGE**. São Gonçalo, 24 março. 1953. Ano I, nº 3.

²⁴ VERSOS QUE A SENSURA NÃO VIU. **O Faro**. São Gonçalo, março. 1953. Ano I, 3ª edição, p.7

²⁵ BASTOS, Magalhães. Parabéns! Volta Redonda. **A Voz da AGE**. São Gonçalo, out. 1953. Ano I, nº 5.

A Companhia, aqui, é chamada de “gigante”, orgulho da juventude e do Brasil, signo de profundo nacionalismo. Isso porque representava a industrialização da economia brasileira: maior aproveitamento da nossa matéria-prima, maior produtividade e superação do atraso brasileiro. Logo, significava infra-estrutura industrial e econômica sólida capaz de resistir à exploração estrangeira.

A Associação Gonçalense de Estudantes nasceu sob o signo do reformismo. Opositora do capitalismo selvagem, empenhava-se por políticas que preservassem a soberania nacional e mostrava-se anti-revolucionária. Condenava, predominantemente, o comunismo e atribuía à educação e à industrialização importância capital no alcance do crescimento da nação. Sua diretoria, assim como também grande parte dos associados, primava pela defesa de interesses nacionalistas e capitalistas, cuidando-se em preservar a ordem.

A AGE, nesta primeira fase, era formada em sua maioria por estudantes do Colégio São Gonçalo. De 1948 a 1953, foi presidida por Francisco Pires, Geremias de Matos Fontes, Antônio Carlos Marcos, Joaquim Batista Cirilo Mouzinho e Geraldo Pereira Lemos. No ano de 1954, chegou a presidência da entidade Rujany Martins que conferiu-lhe um novo perfil, embora sem transformar sua essência conservadora. Para o novo grupo que ascendeu e que se manteve a frente da Associação Gonçalense de Estudantes até fim da década de 1950, a entidade avançara, evoluíra. Contudo, sofreram severas críticas do grupo fundador, agora superado, causando rivalidades que foram acentuadas, principalmente, no início da segunda fase.

2ª Fase: 1954 a 1959

Neste segundo momento percebe-se uma nova configuração da Associação. A entidade se ramifica no meio estudantil: passa a desenvolver atividades sociais, até então inexistentes dentro da AGE, o que fez ampliar o número de associados, e se torna mais ativa na defesa dos interesses dos estudantes.

Em 1954 é eleito presidente Rujany Martins, adversário e sucessor do então presidente da AGE Geraldo Lemos. Com ele, a AGE ganha um novo perfil:

“[A AGE] foi fundada com o espírito, com uma destinação mais cultural do que outra coisa (...) a atividade da AGE, na época, se limitava a uma reunião nos fins de semana. (...) Bem material não tinha nada, apenas uma idéia, um grupo que se reunia em torno dessa idéia, um estatuto registrado em cartório (...) Quando havia uma proposta formalizada havia uma votação, só que resultado prático nenhum. Ao me apresentar como candidato a presidente da AGE, eu armei um programa de reforma. Eu imaginei primeiro que a AGE tinha que ser uma associação realmente da classe e não de um grupo.”²⁶

Visando atrair estudantes para a Associação, a diretoria de 1954 conseguiu descontos nos cinemas de São Gonçalo àqueles que apresentassem a carteira de associado. Isso contribuiu para o crescimento numérico dos associados, o que, conseqüentemente, também fez aumentar a arrecadação, pois pela carteira pagava-se uma anuidade. A partir desta gestão, passou-se a promover as domingueiras dançantes (bailes hi-fi que ocorria na

²⁶ Entrevista com Rujany Martins anteriormente citada.

sede da Associação aos domingos), campeonatos esportivos, projeções cinematográficas e o Concurso Rainha dos Estudantes, no qual era eleita a mais bela estudante. A AGE ganhou sede própria, localizada na Rua Coronel Moreira César, na Vila, deixando suas reuniões de acontecerem nas instalações da Associação Comercial. A Associação Gonçalense passou a ser um espaço de múltiplas funções: se tornou uma opção de entretenimento e de atuação política estudantil na luta por seus interesses e na defesa de seus valores.

Mas, para o grupo fundador a AGE se tornou menos política e mais recreativa. Segundo o presidente que o antecedeu, *“a AGE, no período Rujany, tomou conotações completamente diferentes daquelas que nós sonhávamos, para as quais a AGE foi criada. A AGE não foi criada para baile, a AGE não foi criada para festinha, para nada disso.”*²⁷ Apesar da realização de atividades sociais neste segundo momento da AGE, a entidade não se distanciou das questões de interesse estudantil. Ela se caracterizou pela apreciação as artes, ao civismo, aos desportos e a instrução, o que é demonstrado em suas participações em festividades cívicas, eventos artísticos, torneios esportivos e apoio às medidas ligadas a educação, entendida como promotora do progresso e soberania nacionais. *“Dentro da AGE aprendemos civismo, cultivamos dentro de cada um de nós o amor a terra, o amor a pátria, o amor as pessoas, o interesse pelas artes.”*²⁸

O caráter cívico da entidade estudantil era perceptível em sua participação nos desfiles de comemoração de emancipação política do município. Nesta ocasião solene, os ageanos desfilavam uniformizados, levando à frente a bandeira da Associação, numa disposição devidamente ordenada. Ainda nestas ocasiões, apresentavam-se as forças militares e as escolas municipais. Assim, desfilava *“a mocidade estudantil gonçalense que representa o futuro do nosso glorioso Brasil.”*²⁹

O sentimento de grandeza nacional e de amor à São Gonçalo também era demonstrado pelos conterrâneos que atribuíam ao município importância no cenário estadual devido ao considerável número de indústrias e crescente número de educandários: *“...com sua grandiosidade, como o seu crescente progresso, São Gonçalo faz com que seus filhos amem ao seu torrão e por ele dêem até suas vidas se preciso for.”*³⁰

²⁷ Entrevista realizada com Geraldo Lemos anteriormente citada.

²⁸ Entrevista realizada com Rujany Martins anteriormente citada.

²⁹ DESFILE ESCOLAR DE 22 DE SETEMBRO. **A Voz da AGE**. São Gonçalo, out. 1956. Ano III, nº 13.

³⁰ MARTINS, Rujany. Vitória da Raça. **A Voz da AGE**. São Gonçalo, março. 1954. Ano II, nº VI.

A idéia de progresso, aqui, está atrelada ao desenvolvimento industrial. São Gonçalo, desde a década de trinta do século passado, apresentava um número crescente de indústrias, localizadas, principalmente, no bairro de Neves.³¹ Em meados do século XX, com a expansão industrial, sob o signo de prosperidade e desenvolvimento, os munícipes partilhavam de um sentimento de pertencimento e grandiosidade do município, mesmo com as deficiências infra-estruturais aqui existentes. São Gonçalo era concebida como a terra promissora e de capital importância no Estado do Rio de Janeiro.

É neste momento, igualmente, que o país vive a euforia do discurso nacionalista desenvolvimentista. Com o objetivo de estimular economicamente a nação brasileira, atribuía-se a uma eficiente industrialização a força motriz capaz de gerar riquezas e independência econômica do país.³²

Na Associação Gonçalense de Estudantes, em meados de 1956, discutia-se a formação do Movimento Estudantil Progressista. Ainda que de breve existência, surgiu no cenário ageano e

“foi mais um debate no terreno das idéias. Foi uma onda, que passou. O Juscelino colocou exatamente a mística de desenvolvimentismo: era construir o grande Brasil, avançar cinquenta anos em cinco (...) E isso foi despertando nas pessoas uma nova ideologia, a ideologia do progresso, do desenvolvimento, do grande Brasil, com que todas as pessoas sonhavam.”³³

A crença num porvir de progresso para sua cidade era despertada no gonçalense não só pelo número expressivo de indústrias que aqui se encontravam, mas também pela democratização do ensino. A construção de ginásios gratuitos nos bairros de Neves e de Alcântara, neste município, acordado em 1956 entre a prefeitura e representantes da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, recebeu apoio de diversos setores da sociedade, entre eles o estudantil.

³¹ Fábio Luiz Machado Mendes. “A Democracia em São Gonçalo nos Anos 50”. In: **1º Seminário Interno do Laboratório de Pesquisa Histórica: História de São Gonçalo**, 1, 2001, Rio de Janeiro: UERJ – FFP, p. 14.

³² Sônia Regina de Mendonça. **Estado e Economia: opções de desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Graal, 1989, 2ª ed.

³³ Entrevista com Helter Barcelos anteriormente citada.

Em defesa do engrandecimento nacional, os estudantes gonçalenses punham-se favoráveis à dita democratização, propondo a educação como mecanismo de desenvolvimento do país, pois assim teriam “(...) *mais inteligências desenvolvidas em benefício da coletividade, de pessoas com pouco recursos financeiros, mas muitas vezes dotados de grande vontade de servir ao Brasil.*”³⁴ Por isso, os aumentos das mensalidades escolares e das tarifas de transportes coletivos, algumas vezes, foram combatidos por meio de greves, como as que ocorreram em 1954, 1956 e 1958 aqui em São Gonçalo. Embora fosse um dispositivo radical, na greve de 1954 havia a preocupação com a manutenção da ordem. Segundo o presidente da época:

“Quando a assembléia aprovou a realização da greve (...) eu pedi a nomeação de uma comissão para fazer a greve (...) Eu, presidente, reuni a comissão e disse para eles: ‘Vou recomendar uma coisa a vocês: não quero nenhuma manifestação de rua, não quero pichação de parede, não quero nada disso. E mais: vou sair daqui agora, vou na delegacia conversar com o delegado e dizer para ele que não admito que ninguém faça nada disso. Se alguém fizer, ele pode agir por conta dele, o que ele fizer está feito. E não vou me envolver. Nós vamos só fazer uma greve, mas sem baderna de rua.’”³⁵

Em junho de 1956, a UNE propôs uma greve geral combatendo ao encarecimento as passagens dos bondes, greve esta que possibilitou a aproximação de operários e estudantes na União Operária-Estudantil Contra a Carestia.³⁶ A AGE, sob presidência de Ayr Barbosa, adere ao movimento que, em São Gonçalo, durou três dias. “*Nós estávamos completamente solidários a UNE (...) e aproveitando o ensejo da greve (...) reivindicarmos também para nós abatimento nos transportes coletivos.*”³⁷ Em outubro do mesmo ano passes que davam 50% de desconto nas passagens dos transportes coletivos estavam sendo vendidos na sede da AGE.

Em 1958, agora na gestão de Josélio Ascensão Moniz de Barros, uma outra greve que durou uma semana aconteceu em oposição ao aumento das anuidades escolares, onde

³⁴ MAIS COLÉGIOS PARA SÃO GONÇALO. **A Voz da AGE**. São Gonçalo, out. 1956. Ano III, nº 13.

³⁵ Entrevista com Rujany Martins anteriormente citada.

³⁶ Arthur José Poerner, *op. cit.* p. 194.

³⁷ EM GREVE OS ESTUDANTES GONÇALENSES – BONDES A UM CRUZEIRO A PARTIR DE 15 DE JUNHO. **A Voz da AGE**. São Gonçalo, junho, 1956. Ano III, nº 9.

os diretores, segundo os estudantes, descumpriram a decisão da Comissão Federal de Abastecimento e Preços que estipulou o congelamento dos preços. Uma manifestação deu-se na Praça 5 de Julho (atual Praça Zé Garoto) no qual os estudantes protestaram contra os proprietários dos estabelecimentos de ensino.

Além das greves, outras iniciativas eram tomadas a fim de tornar acessível a educação para aqueles menos favorecidos economicamente e para os estudantes de modo geral. A construção de uma biblioteca pública foi pauta das reivindicações dos associados da entidade. Bolsas de estudos oferecidas pela prefeitura tinham seus contemplados selecionados pela entidade. A AGE mostrava-se favorável ao planejamento de construção de escolas públicas em São Gonçalo como consequência da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos.

Ainda voltados para “*incrementar a cultura moral, cívica, intelectual e física (...)*”³⁸ dos estudantes gonçalenses, atividades artísticas eram propostas na tentativa de valorização da cultura (letrada) e de incentivo às artes. Era comum em reuniões da Associação leitura de poesias e concursos intelectuais. Nas festas, organizava-se, geralmente, apresentações teatrais e literárias. A Associação também se interessava por atividades esportivas.

“Enquanto julgamos nosso dever cívico, estivemos colaborando no prosseguimento da obra lançada por um grupo de idealistas e patriotas (...) buscamos tornar realidade o sonho da juventude forte, física e moralmente, para maior glória da querida pátria brasileira.”³⁹

A prática esportiva proporcionaria jovens saudáveis e os tiraria da delinqüência. Inúmeros campeonatos municipais e intermunicipais foram organizados pelo Departamento de Desportos da AGE, como, por exemplo, os torneios futebolísticos, corridas ciclísticas e olimpíadas estudantis municipais (a primeira ocorreu em novembro de 1957). Estas últimas contavam com a participação dos ginásios e tinham projeção na imprensa local. Nas cerimônias de abertura ocorriam apresentações das escolas participantes, com presença de autoridades governamentais e canto do Hino Nacional.

³⁸ BARROS, Josélio A. Relatório da Diretoria 57-58. **A Voz da AGE**. São Gonçalo, 23 março. 1958. Ano VI, nº 14.

³⁹ *Idem*.

Além das atividades supracitadas, a AGE também realizava ações de cunho assistencialista, como a Campanha da Solidariedade Humana, que consistia na prestação de auxílio com bolsas de estudo, a Campanha do Cobertor para Doentes Pobres e o desconto de 10% em serviços jurídicos, odontológico e médico fornecido pelo Departamento de Assistência aos estudantes.

Nos congressos, a AGE mantinha relações com entidades estudantis de outros municípios. Em nível estadual, *A Voz da AGE* noticiou o V Congresso de Estudantes Secundários, promovido pela União Fluminense de Estudantes Secundários e realizado em Petrópolis em 1956, no qual estiveram presentes estudantes de Niterói, Campos, Macaé, Petrópolis, Nova Iguaçu e São Gonçalo. Ali, discutiu-se o problema do abatimento para estudantes nos transportes coletivos e em restaurantes do SAPS, organização de uma revista estudantil estadual, criação de uma faculdade em Campos, entre outras questões. A partir desse mesmo ano, passou a ser organizado em São Gonçalo Congressos Municipais de Estudantes, que aconteciam anualmente.

A cordialidade era a marca do relacionamento da entidade com os políticos locais, embora sem tendências ao partidarismo. Autoridades constituídas faziam-se presentes nos eventos da associação, tais como nas cerimônias de posse de diretoria e abertura de olimpíadas. Aos vereadores, prefeito e governador, algumas vezes, lhes eram rendidas homenagens. Percebemos, assim, que a idéia de desenvolvimento nacional, aqui, esteada pela colaboração de diversos setores sociais, dentre eles o estudantil aliado às autoridades constituídas. Os ageanos recorriam a eles suas reivindicações imediatas, mas sem questionar a estrutura social.

A diretoria ageana não era caracterizada como radical ou divulgadora de ideais revolucionários. Não. O seu programa de luta propunha sim, melhoramento social e promover o desenvolvimento econômico, mas tudo dentro da mais absoluta ordem. Os mais esquerdistas, intitulados de revolucionários e acusados de fazerem da AGE trampolim de sua ideologia política, eram, na verdade, sobrepujados pelo pensamento reformista, quiçá conservador, do grupo majoritário.

Presidiram a AGE nesta fase: Rujany Martins, Manoel Machado Mendonça Neto, Ayr Barbosa, Josélio Ascenção Moniz de Barros, Sidney Bandeira e Vani Augusto Ribeiro. Um terceiro momento vai ser definido na vida da Associação: 1960 a 1964. Durante esses

anos, a entidade estudantil gonçalense permaneceu patriótica, valorizando os esportes e as artes. No entanto, eis que ascende na direção da AGE um grupo ligado ao movimento leigo católico, adeptos da social democracia cristã que vai caracterizar a política estudantil deste período.

3ª Fase: 1960 a 1964

Desde o fim da década de 1950, a Igreja Católica no Brasil passou por profundas mudanças. As transformações sociais e políticas pelas quais passavam o Brasil e o mundo interferiram na postura, em geral, reformista da Igreja assumida a partir de então.

No início da década de 1960, os problemas econômicos, movimentos populares, a crise política decorrente da renúncia de Jânio e o crescimento da esquerda foram preocupações dos setores conservadores, inclusive da Igreja. Nesse sentido, tal instituição aumentou sua interferência na população por meio do laicato e assumiu uma missão social e política. Os reformistas “*eram menos antiprotestantes e mais anticomunistas do que seus predecessores e mais preocupados com a justiça social e com a comunidade*”⁴⁰. Contrários às transformações radicais, eles não questionavam as estruturas sociais: desejavam uma sociedade mais justa e combatiam as desigualdades, combate este realizado pelo trabalho leigo no qual “*ao invés de ensinar a aceitação da pobreza, promoviam soluções que apontavam na direção de se superar ou aliviar a miséria.*”⁴¹

O trabalho do laicato era fundamental para uma presença da Igreja mais enraizada na vida da sociedade. Embora alguns grupos eclesiais defendessem um controle rígido sobre as atividades leigas, o movimento laico atuou com mais autonomia em relação à hierarquia eclesiástica.

“É impossível compreender o desenvolvimento dos movimentos leigos somente em relação à Igreja institucional. A orientação política dos militantes leigos não é determinada unicamente por

⁴⁰ Scott Mainwaring. **Igreja Católica e Política no Brasil: 1916-1985**. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 66.

⁴¹ *Idem*, p. 67

seus laços com a Igreja. Os católicos também fazem parte de uma estrutura social e, como tal, participam da política enquanto estudantes universitários, camponeses, trabalhadores, médicos. Interagem com a sociedade e são influenciados pelas tendências da sociedade como um todo e, em particular, pelos movimentos sociais dentro de sua própria classe.”⁴²

Vale ressaltar, aqui, o papel da Juventude Operária Católica. Presente no Brasil desde 1935, a JOC objetivava arrematar o operariado jovem brasileiro em prol de sua cristianização. Por ser um trabalho pastoral, as questões religiosas sobrepujavam-se aos problemas materiais - estes últimos analisados sob uma ótica moralista -, embora sem renegar os assuntos sociais, pelo menos até o fim da década de 1950. A partir de então, a inserção da JOC na sociedade passou a ser mais politizada.

Mais preocupada com as condições materiais da classe trabalhadora, criticava a exclusão promovida pelo capitalismo selvagem e mostrava-se favorável ao sistema populista, uma vez que aprovavam as Reformas de Base, onde “*o importante é ter políticos melhores que possam conduzir o processo de desenvolvimento.*”⁴³.

Desse modo, na perspectiva jocista, deveria haver uma integração entre as classes, onde caberia a este movimento leigo denunciar os problemas que afligiam a sociedade, mais especificamente os trabalhadores, e confiar suas resoluções às autoridades competentes, isto é, ao Estado. O teor da JOC a afastava da esquerda católica: possuía um caráter anticomunista e não se condenava as estruturais sociais, porém existia a consciência de exploração. A partir do início da década de 1960, gradativamente, a Juventude Operária Católica passou a descrer do sistema capitalista e tendeu para uma crítica radical do sistema social.

A Associação Gonçalense de Estudantes, nos primeiros anos da década de 1960, teve na sua liderança jovens envolvidos, de certa forma, com a social democracia cristã. A AGE não possuía confissão religiosa, mas seus presidentes, nesse momento, deixaram refletir na Associação suas convicções religiosas. Expunham tendências ao catolicismo e assumiram uma postura anticomunista, como em outros tempos da associação. Ademais, condenavam

⁴² *Idem*, p. 83

⁴³ *Idem*, p. 145.

as desigualdades e injustiças sociais provenientes do capitalismo voraz e abraçavam as iniciativas que visavam a uma sociedade mais equitativa.

Em 1960, se torna presidente da Associação Hélio Gama. A partir daí, percebe-se que a entidade estudantil mantém-se preservadora dos princípios fundadores, valorizando os esportes, a educação, o civismo e as artes e não reprovando as estruturas do sistema capitalista. Contudo, percebe-se, também, maior aproximação com as autoridades eclesiais e com movimentos leigos, como a Juventude Operária Cristã, além de comungarem a ideologia da Juventude Democrata Cristã.

Em junho de 1960, ao ser inaugurado o busto em memória da professora Maria Estephânia de Carvalho, na praça que hoje leva o seu nome, estiveram presentes, entre outras pessoas, ex-estudantes do colégio São Gonçalo, professores, a Associação Gonçalense de Estudantes e o Monsenhor Godofredo Barenco Coelho. Na solenidade que contou com discursos, inclusive de um representante da AGE, Nilson Marques, a bandeira da AGE, segundo noticiado pelo jornal local, confeccionada especialmente para aquela ocasião, fora benta publicamente pelo dito monsenhor. O símbolo de representatividade estudantil gonçalense intrinsecamente ligado a religiosidade. Em setembro desse mesmo ano organizava-se uma recepção para o bispo da diocese de Niterói que visitaria a sede da AGE. No ano de 1961, o departamento de cultura da AGE, junto com a Mitra Diocesana de Niterói, promoveria durante as férias de julho cursos pré-nupciais e de relações humanas, destinados a estudantes e seus familiares.

Nas eleições para a gestão de 1963/64, dois nomes são indicados pela Juventude Democrata Cristã: Jorge Bastos e Herculano José Modesto, este último pertencente a Juventude Operária Católica e vitorioso no pleito estudantil. Segundo a JDC, estes dois jovens eram merecedores do cargo ao qual concorriam

“por entender que ambos representam o mesmo espírito de manutenção da democracia e, em especial, tem posição formada contra o gorilismo, o comunismo e o capitalismo desumano. A JDC entende, por outro lado, que os dois candidatos saberão se manter numa linha de estrita obediência aos princípios do solidarismo cristão e da Democracia Social Cristã (...)”⁴⁴

⁴⁴ GAMA, Hélio. JDC Indica Duas Candidaturas para a AGE. **Jornal O São Gonçalo**. São Gonçalo, 28 março. 1963. Ano XXXIII, nº 3.577, p. 1

A democracia cristã tinha como principal interesse construir uma sociedade livre, justa e solidária: livre da ameaça comunista, sem a exploração do homem pelo homem e com cidadãos vivendo sob o espírito de fraternidade e solidários entre si. Tal doutrina fundamentava-se nos valores humanísticos do cristianismo – liberdade, justiça, solidariedade – e confiava à democracia o único caminho capaz de reduzir as desigualdades sociais e promover o crescimento econômico do país, com possibilidades de escolhas a todos na participação da vida política.

Desse modo, a AGE seguia uma linha de centro direita, característica essa contínua durante sua existência. A ideologia democrata cristã e as finalidades da JOC eram convenientes aos princípios fundadores da Associação: anticomunista, reformista e nacionalista. Essas características se apresentaram sob diversas faces ao longo da história da Associação, seja na defesa da industrialização brasileira para emancipação econômica, seja pelo aprimoramento dos sistemas de ensino, seja pela intolerância aos comunistas, seja pela influência dos princípios cristãos.

Em maio de 1961, estudantes gonçalenses participaram, em Niterói, de uma manifestação na qual se fazia um enterro simbólico do líder revolucionário cubano, mostrando indignação e desprezo pelo sistema comunista.

“A estudiantada gonçalense, juntamente com alguns universitários, tendo a frente o líder estudantil Hélio Gama, presidente da Associação Gonçalense de Estudantes, realizaram domingo último à Avenida Amaral Peixoto o enterro do carrasco do Caribe – Fidel Castro! (...) diversos transeuntes pararam para, juntamente com os nacionalistas, expressarem sua repulsa ao assassínio que Fidel vem impondo aos Cubanos.”⁴⁵

O ano de 1961 foi marcado por uma tensão política em nível nacional causada pela renúncia do então presidente da República, Jânio Quadros, “*abrindo caminho para uma crise que colocaria o país à beira da guerra civil.*”⁴⁶ Numa tentativa de golpe, alguns setores da sociedade, mais especificamente militares e o empresariado, puseram-se

⁴⁵ DEMONSTRANDO SUA REPULSA AO COMUNISMO, ESTUDANTES FIZERAM DOMINGO O ENTERRO DE FIDEL CASTRO. **Jornal O São Gonçalo**. São Gonçalo, 30 maio. 1961. Ano XXXI, nº 2.498, p. 2

contrários ao vice-presidente eleito, João Goulart, em assumir o cargo. Jango, que foi ministro do trabalho do governo Vargas, causava certo temor para os grupos dominantes. Em contraposição, um movimento, liderado por Leonel Brizola no Rio Grande do Sul e apoiado pelo general Machado Lopes do III Exército, articulava-se para garantir a posse de Goulart.

Nesse sentido, a União Nacional dos Estudantes apoiou a normalidade democrática, isto é, colocou-se favorável aos princípios constitucionais que previam a posse do vice-presidente nestas circunstâncias.

“(…) pressentimos que o pólo de resistência democrática tinha se deslocado para o Rio Grande do Sul; que era ali onde a UNE teria condições de falar para o movimento estudantil brasileiro (...) É que o Sul, com a Rede de Legalidade e com a liderança do Brizola, polarizou a resistência contra o golpe. (...) De lá, então, houve condições de dar consequência prática à decisão da greve, em defesa da legalidade.”⁴⁷

Diante desse mal-estar político, a AGE agiu pacificamente. Colocou-se contrária ao bloqueio da posse de João Goulart e definiu tal medida, caso ocorresse, como inconstitucional, mas não aderiu a nenhuma greve. O presidente da época, Hélio Gama, convocou reunião da diretoria da AGE com os presidentes de grêmios para discutir a situação político-militar do país e declarou:

“que a entidade do estudante gonçalense não se apartou das lutas desencadeadas em todo o território nacional em defesa dos preceitos constitucionais vigentes (...) e pela posse do presidente constitucional.

(...) a diretoria da AGE ainda não havia decretado greve em São Gonçalo porque seriam os estudantes os maiores prejudicados; frisando que há formas de se expressar o pensamento livre do estudante, sem recorrer a medidas extremas.”⁴⁸

⁴⁶ Antônio Mendes Júnior, *op. cit.* p. 60.

⁴⁷ UNE – 60 Anos a Favor do Brasil, *op. cit.* p. 45-50

⁴⁸ AGE TAMBÉM EM DEFESA DA CONSTITUIÇÃO. **Jornal O São Gonçalo**. São Gonçalo, 03 set. 1961. Ano XXXI, nº 2620, p. 2.

Dando continuidade ao aspecto cívico e patriótico, a entidade estudantil gonçalense em setembro de 1961, em decorrência do aniversário do município, expõe sua admiração pelo município, crente no seu progresso:

“São Gonçalo cresce, agiganta-se, urbaniza-se, colhe vitórias; torna-se exuberante, maravilhosa.

A expansão em todos os ângulos – norte, sul, leste e oeste – é a prova mais eloqüente da capacidade de nossos irmãos.

São Gonçalo é sol, é vida; enche-nos de orgulho, satisfação, contentamento (...)

São Gonçalo vence as barreiras do anonimato, erguendo-se majestosa, vibrante, ostentando uma coroa brilhante de nobres ideais, pois a sua trilha está marcada com os traços indelévels do progresso, da liberdade. O grau de politização, socialização, educação e cultura, atinge a sua completa independência. Libertou-se das terríveis pragas que maltratavam nossa gente: o anarquismo, o indiferentismo, o analfabetismo, a exploração e o caos administrativo (...)

Que o triunvirato – patriotismo, civismo e integridade – ilumine os construtivos pensamentos de nossa brava gente.”⁴⁹

E conclui o documento com o aspecto colaborativo da entidade, onde o então prefeito, Geremias de Matos Fontes, um dos fundadores da Associação, é aclamado como agente do desenvolvimento desta cidade.

“No transcurso do 71^a aniversário de nossa amada cidade, os estudantes de São Gonçalo, sentindo júbilo fremente, peculiar à mocidade, leva ao nosso prefeito, exemplo de honestidade, honradez e integridade, esteio inflexível no amparo e no bem servir à coletividade, esta mensagem de apreço, de confiança e de fé, erguendo as taças do reconhecimento, em brinde, juntamente com a população, à figura jovem de um nosso ex-ageano (...)”

Na ordem do desfile cívico de vinte e dois de setembro de 1962, a AGE – que estava sob presidência de Aurenildo Brito de Azevedo – seguia logo após os militares, que faziam a abertura do dito desfile, e a frente dos vinte e um ginásios do município que também

⁴⁹ FIGUEIREDO, Maury e GAMA, Hélio. Mensagem de Felicitações pela Passagem do 71^a Aniversário do Município de São Gonçalo. **Jornal O São Gonçalo**. São Gonçalo, 22 set. 1961. Ano XXXI, nº 2634, p. 1

participaram, conforme noticiado no jornal *O São Gonçalo*. Seu posicionamento nesta apresentação pública revela sua proeminência ante as autoridades e o meio estudantil.

Diversas ocasiões foram dirigidas homenagens a personalidades políticas na sede a Associação. Geremias de Matos Fontes foi homenageado em fevereiro de 1960. Em outubro desse mesmo ano, durante o V Congresso Municipal de Estudantes, foi a vez do governador Roberto Silveira.

As dificuldades enfrentadas pelos munícipes eram apontadas nos congressos municipais organizados pelos estudantes. Esses congressos sustentavam reivindicações mais imediatas para, em cooperação com o poder público, solucionar as aflições da sociedade e colaborar para a melhoria das condições de vida da população, especialmente dos estudantes. No VI Congresso, ocorrido em outubro de 1961, discutia-se a implantação de uma escola industrial e estabelecimento de ensino superior em São Gonçalo. Refletiu-se, igualmente, sobre a formação de clubes de cultura, restaurante municipal para estudantes e serviço médico e dentário para os mesmos. Foi entregue ao prefeito um ofício deliberado pelo VI Congresso, cujo conteúdo denunciava os problemas de infra-estrutura de São Gonçalo.

“(...) o VI Congresso Municipal de Estudantes incluiu em seu temário o tema ‘problemas municipais’, onde foram trazidas várias sugestões do estudantado gonçalense no sentido de contribuir com o governo da V. Exa. (...)

1. Pavimentação da Rua Dr. March, do Porto da Pedra e do Galo Branco, e que ao invés da cobrança de impostos, seja cobrado uma taxa de repavimentação pelos melhoramentos.
2. Melhoria do centro do bairro de Neves, onde existe um extenso lodaçal, que exala mau cheiro e contrasta com a formosa pracinha ali existente, propondo o aterramento naquele local.
3. (...) iluminação as ruas adjacentes aos seguintes estabelecimentos de ensino: Grupo Escolar Pandiá Calógeras e Ginásio Nossa Senhora da Paz;
4. Sejam emplacadas as principais ruas e travessas de nosso município (...)
5. Reforma no calçamento da via Dr. March, especialmente na pracinha da Covanca, onde há quase um ano existe um bueiro sem tampa, constituindo um grande perigo para o tráfego (...)
6. Calçamento da Avenida Cupertêno Vizinho (...)
7. Seja criada uma rede de esgotos na Rua Manoel João Gonçalves, no Alcântara (...)

Os estudantes de São Gonçalo, a pioneira do progresso fluminense, convictos estão da boa receptividade de V. Exa ao trabalho de moços que nem por isso deixa de ser profícuo e consciencioso, no desejo de colaborar com as autoridades constituídas (...)
Na feliz oportunidade, reiteramos as nossas simpatias, considerações e profundo respeito.”⁵⁰

No VII Congresso Municipal, realizado em novembro de 1963, entre outras questões, foram tratadas: a padronização do ensino nas escolas municipais, proposta apresentada pela bancada do Ginásio Santa Catarina, para evitar prejuízo aos alunos transferidos de escolas; necessidade de mais educandários da CNEG em diversos bairros de São Gonçalo, assunto abordado pelo ginásios dessa campanha que também convidou a AGE a participar da campanha Natal dos Pobres, em apoio ao governo municipal; importância de uma escola industrial em São Gonçalo, tema abordado pelo Ginásio Luiz Palmier; necessidade de construção de uma Escola de Recuperação para Menores, proposta defendida pelo Colégio São Gonçalo e Ginásio Santa Catarina; construção de um posto de tratamento para deficientes mentais, dados os insatisfatórios serviços prestados pelo Centro de Saúde, crítica feita pelo Ginásio 1º de Maio.⁵¹ Como vimos, as discussões apresentadas são, essencialmente, menos politizadas e mais assistenciais.

Em prol do desenvolvimento humano e material, o departamento de assistência trabalhava junto a sociedade. Assim o foi em janeiro de 1961, quando a AGE, junto com o secretário de saúde, Newton Guerra, prepararia o I Fórum Estudantil Gonçalense de Problemas Sanitários, onde os estudantes receberiam instruções de educação sanitária. Já em junho de 1961, representantes da AGE pediram ao ministro Brígido Tinoco⁵² e ao prefeito Geremias de Matos Fontes⁵³ para agirem em benefício da vacinação contra a pólio, tuberculose e tifo. Pediram também uma unidade móvel para exames clínicos dos estudantes secundaristas de São Gonçalo. Conforme declaração feita na época a fim de atrair maior número de sócios:

⁵⁰ GAMA, Hélio. e FIQUEIREDO, Maury. Estudantes Solicitam Melhoramentos Públicos. **Jornal O São Gonçalo**. São Gonçalo, 15 nov. 1961. Ano XXXI, nº 2649, p. 1

⁵¹ INFORMES MUNICIPAIS. **Jornal O São Gonçalo**. São Gonçalo, 19 nov. 1963. Ano XXXIII, nº 3696, p.

2.

⁵² Ministro da Educação e Cultura do governo Jânio Quadros.

⁵³ Geremias de Matos Fontes foi um dos fundadores da AGE e eleito prefeito de São Gonçalo pelo PDC.

“a entidade atende aos associados em diversas modalidades assistenciais, culturais e sociais, como: abatimento no ônibus (20 a 30%) e bondes (80%), assistência médica e dentária gratuita, aquisição de livros e cadernos (MEC) a preços populares, através de uma bem montada cooperativa, farmácia assistencial (amostra grátis) com um médico orientador de receituário atendendo aos sábados; biblioteca geral e biblioteca de livros didáticos ou escolares, cursos gratuitos e permanentes de oratória, relações humanas, psicologia, assistência social e preparação para o casamento; projeções cinematográficas todas as quintas-feiras às 20 horas na Casa da Criança e ainda a participação em todas as atividades sociais e desportivas da entidade.”⁵⁴

Para a valorização dos esportes, as olimpíadas municipais estudantis, organizadas pela AGE, com apoio da prefeitura e da Liga Gonçalense de Desportos, tinham grande vulto. Na II Olimpíada, iniciada em agosto de 1961, a festa de abertura aconteceu no Clube Tamoio com apresentação da banda militar do 3º R.I.e desfile das escolas participantes. Contou com a presença do prefeito Geremias, do deputado Hamilton Xavier, general Antônio Pires de Castro Filho, deputado Aécio Nanci, vereador Joaquim Lavoura, entre outras personalidades. Os jogos de futebol, voleibol, atletismo e basquete que aconteciam, geralmente, na quadra do Clube Mauá ou no 3º R.I., integravam a comunidade discente. O evento esportivo foi encerrado no mês de novembro no Clube Mauá.

Pela defesa e acessibilidade da educação para todos, o aumento das anuidades escolares e dos transportes coletivos foram (e são) pontos de luta dos grupos estudantis. No ano de 1962, a entidade conclamava os estudantes a não pagarem uma taxa extra que estava sendo cobrada pelas escolas, alegando ser ilegal por não ter sido esclarecida no início do ano letivo e destinada a cobrir os gastos com 13º salários.

Nesse mesmo ano, a AGE manifestava-se contrária às ações das empresas de ônibus, que negavam o desconto de 50% aos estudantes, o que estava causando tumultos e conflitos. “*Fala-se que a Promotoria da Comarca vai agir, fechando a AGE (...)*”⁵⁵ e pedia-se que “*os donos da empresa de ônibus devem cumprir a palavra, mesmo com sacrifício, para que a juventude não descreia dos cidadãos.*”

⁵⁴ INTENSO MOVIMENTO DE SÓCIOS PARA 1962 NA AGE. **Jornal O São Gonçalo**. São Gonçalo, 14 março, 1962. Ano XXXII, nº 2770, p.1

⁵⁵ OS 50% DE ABATIMENTO NEGADO PELAS EMPRESAS CAUSA REVOLTA NOS ESTUDANTES. **Jornal O São Gonçalo**. São Gonçalo, 28 nov. 1962. Ano XXXII, nº 2963, p. 1

O primeiro de abril de mil novecentos e sessenta e quatro significou a supressão progressiva das liberdades dos cidadãos brasileiros. A instauração forçosa do governo militar, sem legitimidade para muitos, exigia um forte aparato de repressão do Estado a fim solidificar sua permanência no poder e evitar possíveis sublevações que colocariam em perigo a ordem econômica, política e social.

Nesse sentido, diversos movimentos que efervesceram no período janguista foram desmantelados após o golpe devido as constantes perseguições, violência, censura e todo tipo de força repressiva que se muniram os militares.

Diversos grupos sociais no Brasil repudiaram a ação político-militar. Forças de resistências foram perseguidas pelas autoridades “revolucionárias”. O movimento estudantil, assim como também o movimento operário, sofreu séria coerção por todo o Brasil, ainda que apresentando resistência, coerção essa caracterizada por expulsões, torturas, prisões, intervenção policial nas entidades e proibição de reuniões estudantis. Logo, os estudantes eram entendidos como “*elementos de alta periculosidade para a segurança nacional, aos olhares eternamente vigilantes das novas autoridades. Ser estudante equivalia a ser ‘subversivo’.*”⁵⁶

Expressão legal dessa repressão foi a Lei Suplicy de Lacerda. Promulgada no governo do Marechal Castelo Branco, em 9 de novembro de 1964, objetivava subtrair a participação política dos estudantes e, também, controlá-la: “*a Lei procurou destruir a autonomia e a representatividade do movimento, deformando as entidades estudantis, em todos os seus escalões, ao transformá-las em meros apêndices do Ministério da Educação.*”⁵⁷ Dentre outras coisas, estabelecia data e normas para eleições, verbas e orientações dependentes das decisões do Ministério da Educação, extinguiu a UNE e criava o Diretório Nacional dos Estudantes que só poderia se reunir durante as férias, impedia a greve e propaganda político-partidária nas entidades estudantis. Mesmo com as atitudes do governo em desbaratar o movimento estudantil, passeatas, protestos e congressos eram manifestações discentes de repúdio às intervenções da ditadura militar.

A diretoria da entidade que agregava os estudantes gonçalenses, diferentemente daquelas que puseram-se contrárias a instauração do governo ditatorial, mostrou-se de acordo com a ação “revolucionária” dos militares, pois assegurou a “democracia” e

⁵⁶ Arthur José Poerner, *op. cit.*, p. 229

espantou da nação a ameaça subversiva dos “vermelhos”, segundo o depoimento do presidente ageano da gestão 64/65, Frederico Guilherme Behn. Na perspectiva da AGE, conservando seu aspecto anti-comunista e reformista, a proximidade do então presidente João Goulart com os comunistas jogava o Brasil à beira do caos e da desordem. Entretanto, acreditava-se que, muito em breve, se restabeleceria a normalidade democrática, com eleições presidenciais. Puro engano.

Dez dias após a o golpe, o secretário de segurança pública do Estado proibiu reuniões estudantis para evitar agitações comunistas no meio estudantil, conforme noticiado no jornal *O São Gonçalo*. A vigilância das autoridades policiais que passou a ser dirigida ao movimento estudantil não impediu a AGE de dar continuidade às suas atividades. Segundo o presidente da época: “*Não houve intervenção direta aqui (...) Os nossos presidentes não chegaram a fazer greve, mas a atividade continuou. Teve congresso e tudo.*”⁵⁸ Vale destacar que, as atividades que tiveram prosseguimento, não causavam qualquer desestabilização ao novo governo. Por exemplo, torneios esportivos foram realizados nos meses de maio e junho de 1964, promovidos pela Associação, nos quais participaram diversos educandários do município. Houve, ainda, concurso de oratória com temas sobre egoísmo, prazer e liberdade, e baile no Clube Mauá realizados em dezembro desse mesmo ano. Contudo, a AGE viveu conseqüências derivadas do golpe, como afugentamento de associados e adiamento das eleições para a presidência da gestão 64/65, pois

“o DOPS não queria que fizesse a eleição de jeito nenhum. Com muito custo eu consegui fazer a eleição. Geralmente, a eleição era em abril e a posse era em maio. Eu consegui fazer a eleição no final de agosto. Frederico foi assumir em setembro. Eu tive que prorrogar o meu mandato.”⁵⁹

Frederico Guilherme Behm foi o candidato situacionista vitorioso nesse pleito que contou com a participação de 700 associados quando o total correspondia a 5.000.

“A maioria dos estudantes se afastou da associação e não mais tomou conhecimento de suas atividades devido aos constantes

⁵⁷ *Idem*, p. 242

⁵⁸ Entrevista realizada em 9 de setembro de 2003 por Michele de Barcelos Agostinho e Rui Aniceto com Herculano José Modesto, presidente da AGE na gestão 63/64. Transcrição de Maria Clara Santiago.

⁵⁹ *Idem*

noticiários de outras entidades que, a diferença desta, eram comandadas por comunistas.”⁶⁰

As repressões dirigidas ao movimento estudantil em todo o país repercutiam negativamente na Associação e entre os jovens de modo geral. Neste documento, verifica-se um refluxo da participação dos jovens na política estudantil gonçalense. O receio dos estudantes em atuarem mais ativamente na AGE aparece infundado, visto que ela era anticomunista e em conformidade com a ordem vigente.

Presidiram a Associação nesta fase Hélio Gama, Aurenildo Brito de Azevedo, Herculano José Modesto e Frederico Guilherme Behn. Em 1965, ascende na direção da Associação Carlos Augusto Gouvêa da Rocha, considerado por um contemporâneo como não alinhado ao grupo conservador. “*A esquerda estava começando a dominar a AGE, a dominar não, a entrar na AGE e a ser aceita (...)*”⁶¹.

⁶⁰ SITUAÇÃO VENCEU AS ELEIÇÕES DA AGE. **Jornal O São Gonçalo**. São Gonçalo, 09 set. 1964. Ano XXXIV, nº 3929, p. 1 e 2.

⁶¹ Entrevista realizada por Michele de Barcelos Agostinho em 21 de outubro de 2002 com Lélío Omar Muniz País. Transcrição de Maria Clara Santiago.

4ª fase: 1965 a 1968

A Associação Gonçalense, desde os seus primórdios, possuiu lideranças que seguiam a linha direitista e exteriorizavam sua aversão ao comunismo. Mas, no ano de 1965 se torna presidente da AGE o jovem Carlos Augusto Gouvêa da Rocha, identificado como esquerdista. Houve uma maior desconfiança das autoridades observada pela sua presença mais ativa na entidade a partir de então.

“A dificuldade começou quando eu já não estava mais na AGE, na época do Carlos Gouvêa. Ele foi detido algumas vezes. Tiveram alguns momentos que ele radicalizou e chegou a ser preso. Uma vez numa visita americana, ele foi preso. Outra vez, num movimento no sindicato dos operários navais. Depois ele saiu.”⁶²

O momento estudantil levantou bandeira contra o “governo imperialista dos Estados Unidos” e a desnacionalização do ensino brasileiro. O ano de 1966 foi marcado pelas mobilizações estudantis contrárias à intervenção norte-americana na educação brasileira, iniciada com os Acordos MEC-USAID nos quais se pretendia construir no Brasil um modelo de Universidade semelhante ao norte-americano. *“Esta intervenção, aliada a repressão policial, é que levou os estudantes às ruas, em todo o país.”*⁶³

Em novembro de 1965, Carlos Augusto Gouvêa da Rocha, juntamente com outros dois estudantes, foram interrogados a respeito de um material dito “subversivo” que foi apreendido sob sua posse. Os três jovens encontravam-se no Café e Bar Brasilândia (localizado sob a sede da AGE) quando foi encontrado um embrulho com materiais que

⁶² Entrevista realizada com Herculano José Modesto anteriormente citada.

⁶³ UNE – 60 Anos a Favor do Brasil, *op. cit.*, p. 56

“*atentam contra as estruturas democráticas do país.*”⁶⁴ Nesse embrulho havia boletins informativos e livros escritos em inglês e espanhol, cujo teor referia-se ao marxismo-leninismo e à guerra do Vietnã, além de abordar negativamente o imperialismo norte-americano.

Antônio Kleber Matias Neto, que em 1967 veio a se tornar presidente desta Associação, pretendia “*expulsar tudo quanto era comunista, inclusive o Carlos Gouvêa.*”⁶⁵ Observa-se, então, que seus contemporâneos o consideravam esquerdista. Porém, isso não significou rompimento com as atividades que a AGE desenvolvia anteriormente, como o esporte e as participações cívicas, por exemplo, e nem denotou desentendimentos com as autoridades locais. A IV Olimpíada Gonçalense, ocorrida em 15 de agosto de 1965, na “*elevada vontade de incrementar um sadio convívio desportista em nossa Terra*”⁶⁶, contou com a presença, na solenidade de abertura, do padre Menceslau Valiukevicius e Lauro Batista.⁶⁷

No aniversário do município, ainda neste ano, foi emitida nota oficial da entidade ao jornal local. Abaixo segue trechos da mesma:

“(…) 75 anos são passados desde que um punhado de homens idealistas, verdadeiro orgulho de nossa terra, conseguiram, após lutas incessantes, emancipar política, economicamente e socialmente nossa querida São Gonçalo da capital do Estado. O que éramos então? Uma vila desprovida de qualquer progresso. O que somos agora? Um dos mais progressistas municípios do país. São Gonçalo, um gigante bem vivo, que viu em seu território pessoas como: dr. Luiz Palmier, Cônego Goulart, prof^a Maria Estephânia de Carvalho, Monsenhor Godofredo Barenco, e tantas outras. São Gonçalo que é hoje em dia [importante] município do nosso país em arrecadação perante o governo federal. São Gonçalo que possui em seu território 21 educandários de nível médio e um cem números de escolas primárias.

⁶⁴ Prontuário 39.238, fls 497. Fundo Polícias Políticas no Rio de Janeiro.

⁶⁵ Entrevista realizada por Michele de Barcelos Agostinho e Rui Aniceto em 6 de setembro de 2003 com Antônio Kleber Matias Neto. Transcrição de Maria Clara Santiago.

⁶⁶ IV OLIMPÍADA GONÇALENSE DE ESTUDANTES. **Jornal O São Gonçalo**, São Gonçalo, 13 ago. 1965. Ano XXXV, nº 4177, p. 2.

⁶⁷ Pe. Menceslau era o pároco da Igreja de N. Sra. de Fátima e diretor da escola que levava esse mesmo nome, no Barro Vermelho. Originário da Lituânia, pertencia a extrema direita e esteve envolvido com a ação golpista militar. Lauro Batista foi vereador em São Gonçalo e, naquela ocasião, representou o secretário de saúde Luiz Botelho.

É este São Gonçalo que a Associação Gonçalense de Estudantes, verdadeiro órgão representativo da classe estudantil vem apresentar os mais efusivos parabéns.
Viva 22 de setembro. Viva o Brasil.”⁶⁸

Inicialmente, percebemos a meritória atitude daqueles políticos envolvidos com a emancipação gonçalense. São Gonçalo, a cidade do progresso. Progresso sustentado pelo tripé: educação, crescimento econômico e assistencialismo – visto que são citados nomes de pessoas que atuaram no sentido de beneficiar os menos favorecidos economicamente, como a professora Maria Estephânia, carinhosamente apelidada de mãe do estudante pobre, “*onde não foi só em função do estudante pobre que ela sempre ajudou muito, mas de uma maneira em geral a toda a comunidade de São Gonçalo*”⁶⁹, e o dr. Luiz Palmier, “*médico que não queria saber se era de madrugada, se a pessoa tinha dinheiro pra pagar ou se não tinha. Chamava ele, tava lá assistindo.*”⁷⁰

Em outubro de 1965, a AGE participou do XIV Congresso Estadual de Estudantes, promovido pela Confederação Fluminense de Estudantes Secundários (COFES). Ali, estiveram presentes, igualmente, as entidades estudantis dos municípios de Petrópolis, Niterói, Duque de Caxias, Rio Bonito, São João de Meriti, Magé, Itaperuna, Maricá, Bom Jesus de Itabapoana, Itaperuna e Macaé. Foi discutido sobre abatimento nos transportes coletivos para estudantes, bolsas de estudos e escolas superiores para o Rio de Janeiro. Representaram a AGE o então presidente Carlos Augusto ao lado, entre outros, de Herculano José Modesto e Frederico Guilherme Behm, presidentes da AGE que o antecederam e de convicção política declaradamente direitista, o que mostra um relacionamento harmonioso entre os conservadores e aquele chamado de esquerdista.

No IX Congresso Municipal de Estudantes, realizado em maio de 1966, foi aprovada pelas escolas participantes uma Carta Aberta, publicada no jornal *O São Gonçalo*. Este documento considero ousado por três razões: primeiro, por ser publicado naquele momento de tensão política; segundo, por fazer contestações ao sistema político; e terceiro, por essas

⁶⁸ A AGE E O ANIVERSÁRIO DE SÃO GONÇALO. **Jornal O São Gonçalo**, São Gonçalo, 22 set. 1965. Ano XXXV, nº 4207, p. 11.

⁶⁹ Entrevista realizada com Geraldo Lemos anteriormente citada

⁷⁰ Entrevista realizada com Helter Gerônimo Barcelos anteriormente citada.

contestações advirem de uma entidade que, ainda que denunciasse os problemas educacionais, geralmente aprovava os governos instituídos.

“(…) Os problemas do estudante agravam-se de ano a ano, pelo déficit de escolas, pelo encarecimento do material didático, pela falta de assistência e pela incompreensão que cerca e tolhe as atividades de muitas agremiações estudantis, cada vez mais enfraquecidas e espezinhadadas.

(…) A Lei 4.464 continua com a conivência de alguns, a servir de instrumento prejudicial a ação do movimento estudantil.

A realidade é contrastadora, restando apenas confiança na mocidade que é um símbolo incontestável de transformação. A entidade máxima do estudantado gonçalense se reviveu na fé, porque vê nas dificuldades do momento uma oportunidade de reafirmação do trabalho, da liberdade e do próprio Brasil, que embora explorado e oprimido, atingirá a magnitude do seu destino com o apoio da cruz que velou seu nascimento e juventude que lhe enche os colégios, na busca incessante do SABER que condena a opressão, enaltece a liberdade, proclama o trabalho, reconhece o direito, redime a miséria humana e une os homens no manto da compreensão universal.

Estudantes, a AGE vos conclama ao estudo, a participação nas entidades estudantis e ao interesse pelos destinos da Pátria. Convosco está a chave do futuro e ele já começa a ser presente. Crente no espírito de luta de seus agregados, a AGE continuará seu trabalho pelo engrandecimento da mocidade estudiosa brasileira.”⁷¹

Esta carta, além de apontar questões econômicas e sociais que afligiam os estudantes, trata também, e principalmente, daquelas que restringiam a organização estudantil. Ao mencionar o tolhimento feito às agremiações discentes, há uma alusão à Lei 4.464, Lei Suplicy, instrumento que limitou a autonomia das entidades estudantis.

Ademais, existe um discurso voltado para transformação e luta que devem ser implementados pelos estudantes, diferentemente de outros momentos em que se entregava a resolução de diversos problemas aos governantes.

Há, ainda, o aspecto religioso: com a benção da cruz e a ação dos estudantes é possível construir um país magnífico.

⁷¹ ESTUDANTES ENCERRAM O IX CONGRESSO EM CARTA ABERTA. **Jornal O São Gonçalo**, São Gonçalo, 24 maio. 1966. Ano XXXVI, nº 4393, p. 1.

A caracterização do Brasil como sendo explorado e oprimido (naquele contexto, as críticas aos interesses internacionais em nosso país e a supressão da liberdade, oriunda da ditadura instaurada, era freqüente) teria sua superação na Educação. O conhecimento moldaria um jovem esclarecido, combativo e crítico, capaz de modificar a realidade brasileira.

Em outubro de 1966, assume a presidência Iêso Pereira da Silva. Logo nas primeiras semanas de sua gestão, a AGE tentava resolver, junto ao governador Geremias de Matos Fontes, o problema do não pagamento das bolsas de estudos. Aos alunos bolsistas estava sendo cobrado pela Direção das escolas o valor das bolsas que não foi remetido pelo Estado. O pagamento da dívida pelo discente era ilegal. Em fevereiro de 1967, outras trezentas bolsas foram fornecidas pela Inspeção Seccional do MEC e poderiam ser requisitadas pelos estudantes na sede da Associação Gonçalense.

Em agosto desse mesmo ano, se torna presidente da AGE Emílio Serrano Júnior (os motivos que levaram a substituição de Iêso não foram encontradas nas fontes analisadas). Três meses depois, foi eleito Antônio Kleber Matias Neto. Inédita como sua vitória foi a criação de um parlamento estudantil dentro da Associação. Uma emenda feita ao estatuto da AGE permitia que cada candidato a presidência indicasse dois estudantes de cada escola para concorrerem às eleições sem, necessariamente, precisarem estar ligados a alguma chapa. O resultado disso, para o novo presidente, foram dificuldades encontradas para tomar decisões:

“Cada colégio elegeu dois parlamentares, tipo um congresso, onde quem decidia, como num congresso, eram os parlamentares. Eu era figuração. Eu já estava com receio antes das eleições quando vi a mudança dos estatutos. Teria que me virar para poder ter o número de ‘deputados estudantis’ que me dessem esteio. Fiquei com vinte e cinco ou trinta por cento. Não havia jeito. Eu perdia todas. Era uma coisa terrível. Uma mínima coisa que eu queria fazer eles bloqueavam, se reuniam e negavam. Eu convocava e eles não iam e se eles não iam eu não podia fazer porque eles tinham que aprovar.”⁷²

⁷² Entrevista realizada com Antônio Kleber Matias Neto anteriormente citada.

Empecilhos gerados a fim de dificultar a atuação do então presidente foram indiciadas no jornal local, um mês após sua posse: “*os grandes problemas atuais da AGE são impostos, talvez, pela imparcialidade de alguns, no sentido de prejudicarem a administração klebiana.*”⁷³ Em março do ano subsequente, o presidente Antônio Kleber dissolveu o parlamento. Ainda neste mês, se falava em “*determinados grupos que visam única e exclusivamente a deposição da atual direção.*”⁷⁴

Além das dificuldades internas, Antônio Kleber sofreu, também pressões externas. Mesmo sendo anticomunista convicto, não fugiu dos olhares atentos da polícia. Chegou a ser interrogado pela polícia por ter sido encontrada em uma pasta, que continha seu nome, pedido de armas e símbolos do comunismo. O presidente esclareceu o equívoco:

“Eu tinha um costume de andar com essas pastas de papelão. Eu ia botando endereço, telefone tudo que tinha direito. Eu tinha o costume de ficar rubricando o nome. Os comunistas pegaram uma dessas pastas minhas e sobre uma das minhas assinaturas escreveram: precisamos de armamentos e precisamos de quinhentos mil folhetos com explicações detalhadas sobre movimentos de guerrilha. Colocaram propaganda comunista, a foice e o martelo (...)”⁷⁵

1968 foi o ano do assassinato do estudante Edson Luís de Lima Souto pela polícia no restaurante estudantil do Calabouço, Rio de Janeiro. A ação violenta da polícia foi baseada em informações sobre a preparação de uma passeata que visava atingir Embaixada dos Estados Unidos e, por isso, “*os policiais entraram atirando, indo uma das balas atingir Edson. As manifestações de repúdio ao assassinato foram imediatas e de grandes proporções em todo o país.*”⁷⁶

Em São Gonçalo, a AGE pôs panos pretos na fachada da sede, decretando luto pela morte do jovem e alguns membros da diretoria estiveram presentes na manifestação contrária a ação policial:

⁷³ CARDOSO, Arildes. Órbita do Estudante. **Jornal o São Gonçalo**, São Gonçalo, 7 dez. 1967. Ano XXXVII, nº 4832, p. 3.

⁷⁴ CARDOSO, Arildes. Órbita do Estudante. **Jornal o São Gonçalo**, São Gonçalo, 31 mar. 1968. Ano XXXVIII, nº 4928, p. 6.

⁷⁵ Entrevista realizada com Antônio Kleber Matias Neto, anteriormente citada.

⁷⁶ Antônio Mendes Júnior, *op. cit.* p. 82.

“O presidente da Associação Cearense dos Estudantes e o presidente da Associação Baiana dos Estudantes foram lá em casa: ‘Colega, nós viemos aqui indagar por que o colega não vai levar os estudantes de São Gonçalo para o Rio?’ Eu já havia dito que não convocaria ninguém. Achava aquilo um absurdo, levar crianças de doze, treze e quatorze anos para levar borrachada no Rio de Janeiro. Fomos eu, o vice-presidente e os diretores, mas convocar a gurizada não fiz.”⁷⁷

Entretanto, na época foi noticiada uma situação adversa a esta, onde a não participação dos estudantes gonçalenses naquele evento foi menos do incentivo do presidente e mais por se oporem ao radicalismo.

“(…) O que deveria ser feito era o Diretório Central dos Estudantes reunir todos os grêmios e associações estudantis a fim de escolher um legítimo representante da massa discente. Esse, vestido de confiança estudantil, trataria pacífica e ordeiramente, junto aos órgãos competentes, das reivindicações estudantis (…)

(…) última segunda-feira, dia marcado pelo presidente ageano para uma passeata em protesto à morte do estudante Edson. Entretanto, os discentes gonçalenses foram unânimes em responder-lhe: ‘sentimos a morte do estudante, mas não gostamos de movimentação pueril.’

(…) O homem é culpado por tudo aquilo que lhe acontece.

(…) O tempo de greve, paralisação já passou e vimos claramente que nada adiantou. Vamos pelas instâncias conveniente, pacífica e legal, porque só assim obteremos alguma coisa daquilo que pretendemos.”⁷⁸

Mediante os obstáculos surgidos durante sua gestão, o presidente decidiu baixar o Ato Institucional nº 1 da Associação Gonçalense de Estudantes, no qual ele auto-atribuiu a faculdade de interferir no Estatuto da AGE quando lhe aprouvesse.

“Eu falei: ‘se esses palhaços que estão no poder, que são usurpadores do poder, podem baixar ato institucional por que eu não tenho? Eu que fui o candidato mais votado da AGE? Eu vou baixar um ato institucional sim’. (…)

Vocês precisam ver a gozação

⁷⁷ Entrevista realizada com Antônio Kleber Matias Neto anteriormente citada.

⁷⁸ CARDOSO, Arildes. Órbita do Estudante. **Jornal O São Gonçalo**, São Gonçalo, 9 de abril de 1968. Ano XXXVIII, nº 4934, p.2.

na época. Um jornal estampado ‘a fim de que o estudantado gonçalense se outorgue do direito de proceder a mudanças estatutárias quando bem lhe convier’.”⁷⁹

E para a diretoria da AGE eram convenientes modificações estatutárias. Elas se faziam necessárias a fim de amenizar a desconfiança das autoridades policiais. Pretendia-se transformar a AGE numa entidade recreativa e não mais representativa dos estudantes gonçalenses.

Antônio Kleber após ter sido aprovado no vestibular atenuou sua participação na AGE, o que levou seu vice-presidente Valdir de Araújo Souza, a ter maior gerência na Associação. Na eleição para a gestão subsequente, foi eleito em chapa única Sérgio de Souza Garcia, estudante do Ginásio Nossa Senhora de Fátima e pertencente ao grupo do padre Menceslau, diretor desta mesma escola. Este eclesiástico pertencia à extrema direita e sempre se manteve opositor ferrenho do comunismo.

“Ele chegou em São Gonçalo e como padre já começou aquela coisa bem radical. Ele combatia os comunistas, combatia os protestantes, combatia os espíritas (...) E esse padre acabou tendo uma certa influência dentro do movimento da AGE na parte final. Dentro do Estado do Rio ele fazia parte de um grupo de extrema direita que, quando estourou a Revolução, esse grupo tomou posse, imaginem vocês, do Palácio do Ingá. Entrou lá, renderam a guarda e se instalaram dentro do Palácio e, na mesma época, fizeram um decreto: um deles seria o interventor, outro seria o secretário... No dia seguinte, o Exército chegou lá, destituiu todo mundo.”⁸⁰

Antônio Kleber, temeroso com as incursões policiais e o porvir da AGE e, por isso, ansioso para afastar-se definitivamente da presidência, caracterizava sua liderança como sendo ilegítima: a sua aprovação no vestibular não o permitia comandar o movimento secundarista, visto que se tornara estudante universitário. Daí, apoiou a indicação de Sérgio Garcia.

As eleições para presidente da AGE eram realizadas da seguinte maneira: urnas eram colocadas nas escolas, onde os estudantes depositavam seu voto. Depois, essas urnas eram transferidas para a sede da Associação e os votos, então, contados. No entanto, com a

⁷⁹ Entrevista com Antônio Kleber Matias Neto anteriormente citada.

crescente perseguição policial, a Direção das escolas impedia a presença dos ageanos nos estabelecimentos de ensino para evitar suspeita de conivência da administração escolar com o movimento estudantil.

A escolha de Sérgio ocorreu de forma diferente. Ela aconteceu na própria sede da Associação. Por isso, havia a importância de se ter um número considerável de estudantes do Ginásio Nossa Senhora de Fátima a fim de garantir a vitória do seu candidato.

“Chamei a turma do padre e falei: ‘nós temos que fazer uma coisa muito organizada. Eu vou marcar a assembléia para as oito da noite, mas vocês as sete estejam lá pra tomar o lugar e não deixar abafar.’ (...) [Na ocasião] estou sentando lá na frente e está o pessoal todo do Nossa Senhora de Fátima. Eu disse: ‘queridos colegas, a coisa que eu mais combati em toda minha vida foi a ilegitimidade e nós estamos vivendo duas ilegitimidades neste país no presente momento. A primeira é a do nosso presidente da República que não foi eleito pelo voto direito e a segunda é a minha porque eu estou há alguns meses na faculdade de direito. Universitário e a frente de uma entidade secundarista. (...) Só foi apresentada uma chapa, eu acho que não tem nem negócio de eleição. Eu acho que nós vamos por aclamação eleger o Garcia presidente da nossa estimada e querida Associação Gonçalense de Estudantes’.”⁸¹

A Associação, nos últimos tempos, vivia o receio de ter suas portas fechadas. Em outubro de 1967 o jornal *O São Gonçalo*, na coluna estudantil, noticiava a existência de opiniões favoráveis ao fechamento da entidade, porém não identificava quais forças eram estas. Durante a gestão de Antônio Kleber, este recebeu uma correspondência do CENIMAR ⁸² (Centro de Investigação da Marinha) estipulando prazo de vinte e quatro horas para fechar a AGE. A ordem não foi obedecida. Talvez, a relação cordial da Associação com o delegado, segundo o depoimento do ex-ageano Antônio Kleber, tivesse amenizado a situação da AGE frente a polícia. Vale ressaltar que a delegacia situava-se ao lado da sede da entidade estudantil gonçalense.

Com a ascensão de Sérgio de Souza Garcia, foi possível, ainda, realizar a Semana do Estudante que teve como tema “Estudante não é só protesto”, clara advertência às

⁸⁰ Entrevista realizada com Helter Gerônimo Barcelos anteriormente citada.

⁸¹ Entrevista realizada com Antônio Kleber Matias Neto anteriormente citada.

⁸² Importante órgão de repressão da ditadura.

mobilizações estudantis. Nela, objetivava-se “*encaminhar os jovens estudiosos para uma vida operosa e construtiva, nunca através de passeatas e manifestações*”⁸³, além de motivar “*os estudantes a promover conclaves idênticos em outras cidades.*”⁸⁴ A programação previa gincanas esportivas, excursão a Araruama, missa em Ação de Graças, palestras, concurso de poesias e oratória, baile e eleição da Rainha dos Estudantes. A Assembléia Legislativa, através do presidente Raul de Oliveira Rodrigues, juntamente com os deputados José Augusto Pereira das Neves e Ayrton Rachid, demonstraram apoio a esta iniciativa, oferecendo troféus aos vencedores dos jogos e viagem a Petrópolis à vencedora do concurso Rainha dos Estudantes, “*tendo esta promoção alcançado grande repercussão entre os estudantes e autoridades fluminenses, todos imbuídos num espírito de cordialidade e de fraternidade cultural.*”⁸⁵

Interessante pensar as motivações que levaram ao encerramento da AGE quando esta não causava danos à ordem e até mesmo se punha favorável a ela, quando havia a troca de mensagens amistosas entre a Associação e o poder público. Uma moção de aplauso, redigida pelo deputado Jayme Mendonça de Campos (MDB), enaltece a AGE pelo seu empreendimento que “*veio demonstrar, mais uma vez, o espírito cívico e ordeiro que norteia os destinos desta entidade (...) salientando uma total obediência ao regime, e um total apoio aos poderes constituídos (...)*”⁸⁶

Tão ordeira era a entidade que uma mensagem do presidente ageano foi publicada no jornal, onde, mais uma vez, se condenava as mobilizações estudantis que aconteciam em todo o país: “*(...)esses jovens brigam entre si, desafiam as autoridades constituídas do país, e não se preocupam em ir aos colégios a fim de arrecadar maior número de conhecimento (...).*”⁸⁷ Dizia ele, também: “*Por que brigam os estudantes? (...) E os brasileiros, o que*

⁸³ SEMANA DO ESTUDANTE DIVULGA PROGRAMAÇÃO. **Jornal O São Gonçalo**, São Gonçalo, 9 ago. 1968. Ano XXXVIII, nº 5032, p. 1.

⁸⁴ SEMANA REPERCUTE E MOTIVA ESTUDANTES. **Jornal o São Gonçalo**, São Gonçalo, 15 ago. 1968. Ano XXXVIII, nº 5037, p. 1.

⁸⁵ JUIZ PINAUD FARÁ PALESTRA NA SEMANA DO ESTUDANTE. **Jornal O São Gonçalo**, São Gonçalo, 25 ago. 1968. Ano XXXVIII, nº 5046, p. 1.

⁸⁶ ASSEMBLÉIA APLAUDE SEMANA DO ESTUDANTE. **Jornal O São Gonçalo**, São Gonçalo, 4 set. 1968. Ano XXXVIII, nº 5054, p. 1.

⁸⁷ GARCIA, Sérgio. Voz do Estudante. **Jornal O São Gonçalo**, São Gonçalo, 3 nov. 1968. Ano XXXVIII, nº 5101, p. 3.

reclamam? Será que não existem faculdades e professores ou eles brigam pelo fato de ganhar as primeiras páginas de jornais?(...)”⁸⁸

Em novembro, um curso sobre Relações Humanas na Família, em parceria com o Instituto Fluminense de Integração Lar-Escola de Niterói, foi oferecido na sede da AGE e tratou de assuntos como sexo, problemas conjugais, religião e felicidade matrimonial, entre outros.

Mas, desordenados foram os meses finais de vida da Associação. Nos últimos dias do mês de setembro de 1968, a AGE recebeu ordem de despejo, alegando o proprietário debilidade no pagamento dos aluguéis. A AGE contra-argumenta com as reformas realizadas por ela no imóvel.

Em outubro, o governo do Estado suspende o despejo, prometendo o prédio do SERVE, inutilizado, para abrigá-la. Em novembro, a AGE sofreu o despejo e os seus pertences foram transferidos para o depósito público, localizado no Colubandê. Ainda esperava-se o prédio prometido pelo governador Geremias de Matos Fontes. Sem espaço próprio, o curso sobre a família, que era oferecido neste momento, foi alterado, sendo cogitada a possibilidade de vir a acontecer no templo da Primeira Igreja Batista de São Gonçalo.

Desestruturada espacialmente, a criação do Ato Institucional nº 5 veio alimentar a ação corrosiva que já enfraquecia a entidade e, de modo geral, o Brasil. “*A vida política da nação – para não falarmos apenas dos estudantes – foi completamente sufocada, a imprensa sob censura completa (...), o terrorismo de Estado funcionava como ‘canalizador’ da opinião pública.*”⁸⁹ Somados o controle militar e a ação de despejo a existência da AGE já era um drama. Com o AI-5, vetou-se qualquer tentativa de reorganização da Associação.

⁸⁸ GARCIA, Sérgio. Voz do Estudante. **Jornal O São Gonçalo**, São Gonçalo, 10 nov. 1968. Ano XXXVIII, nº 5107, p. 2.

⁸⁹ Antônio Mendes Júnior, *op. cit.*, p. 85.

Conclusão

A AGE era uma associação estudantil cívica, desportiva e cultural. A maneira como defendia a ordem e o progresso nacionais a diferiu de muitas entidades estudantis. Durante os vinte anos de sua existência, mostrou-se adepta do sistema capitalista, desaprovava o radicalismo e o comunismo. Buscou o crescimento da nação, contribuindo para o atendimento das necessidades materiais do estudante gonçalense e valorizando o esporte e a cultura artística como elementos capazes de conferir boa formação ao jovem.

Notável entre os associados é o sentimento de pertencimento e identidade para com a entidade estudantil gonçalense. Ao se chamarem “ageanos” fica expresso aí a profunda identificação com o grupo e a clara definição de que não são, simplesmente, estudantes politicamente ativos numa entidade estudantil, mas é a Associação Gonçalense de Estudantes que os faz ter vida política atuante.

Fontes

1. ACERVO MEMOR

Jornal “A Voz da AGE”

Jornal “O Faro”

2. ARQUIVO DO JORNAL “O SÃO GONÇALO”

Jornal “O São Gonçalo”

3. ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Fundo Polícias Políticas no Rio de Janeiro. Prontuário 39.238, fls 497.

4. ENTREVISTAS

Foram entrevistados os ex-presidentes da Associação Gonçalense de Estudantes (em ordem alfabética): Antônio Kleber Matias Neto, Ayr Barbosa, Francisco Pires, Frederico Guilherme Behn, Geraldo Pereira Lemos, Geremias de Matos Fontes, Hélio Gama, Herculano José Modesto, Joaquim Batista Cirilo Mouzinho, Manoel Machado Mendonça Neto, Rujany Martins e Sérgio de Souza Garcia.

Foram entrevistados, igualmente, os seguintes associados: Helder Gerônimo Barcelos, Lélío Omar Muniz País e Luiz Carlos de Souza.

Bibliografia

- JÚNIOR, Antônio Mendes. **Movimento Estudantil no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil: 1916-1985**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de História Oral**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996, 3ª ed.
- MENDES, Fábio Luiz Machado. “A Democracia em São Gonçalo nos Anos 50”. In: **1º Seminário Interno do Laboratório de Pesquisa Histórica: História de São Gonçalo**, 1, 2001, Rio de Janeiro: UERJ – FFP .
- MENDONÇA, Sônia Regina de. **Estado e Economia: Opções de Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Graal, 1989, 2ª ed.
- MOURA, Gerson. **A Campanha do Petróleo**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- POERNER, Arthur José. **O Poder Jovem: História da Participação Política dos Estudantes Brasileiros**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- UNE – 60 Anos a Favor do Brasil**. Rio de Janeiro, 1997.